

Uma trégua com o dedo no gatilho

As condições continuam a ser muito desfavoráveis a uma qualquer saída política que ponha fim à guerra, que não seja uma mera pausa para reatar a confrontação bélica mais à frente.

José Pedro Teixeira Fernandes | Público | 24 de Novembro de 2023

1. A trágica guerra Israel-Hamas decorre há mais de um mês e meio. Nos próximos dias, se as partes em conflito cumprirem na íntegra o que é publicamente conhecido de um acordo negociado, serão libertados 50 reféns (mulheres e crianças). Em troca dessa libertação pelo Hamas, Israel libertará também 150 palestinianos detidos em prisões israelitas. No acordo, a proporção prevista é de um refém israelita por três palestinianos, o que, curiosamente, é um rácio muito inferior de palestinianos face a outros acordos desse tipo anteriormente efectuados.

Ao mesmo tempo, enquanto decorrer essa troca de reféns por prisioneiros, feita diariamente e em pequenos grupos, vigorará uma trégua nas operações militares e nos violentíssimos combates que decorrem deste 7 de Outubro. Será, sem dúvida, uma pausa que ajudará a aliviar um pouco o enorme sofrimento das populações civis palestinianas apanhadas no fogo cruzado entre o Exército de Israel e os islamistas-jihadistas do Hamas. É um sinal, ainda que ténue, de que uma possível negociação política poderá, mais à frente, terminar com esta trágica e imensamente destrutiva guerra. Mas ambas as partes, que desconfiam profundamente uma da outra, vão continuar com o dedo no gatilho, no meio de grande tensão.

Qualquer pequeno incidente, qualquer passo que gere a ideia de movimentação militar, poderá fazer descarrilar a frágil trégua e a troca de reféns. Tudo isto mostra as enormes dificuldades para chegar a um compromisso político que dê uma perspectiva duradoura de paz em Gaza. Essas dificuldades são ainda maiores se objectivo for uma solução negociada para o conflito israelo-palestiniano, que se arrasta insolúvel desde a segunda metade do século XX. Não tenhamos quaisquer dúvidas de que a tarefa diplomática é imensa e é extraordinariamente difícil produzir resultados palpáveis.

2. Apesar deste primeiro avanço na resolução do problema dos reféns, continua longe uma saída política que encerre o mesmo. Mesmo que o acordo de libertação — e a prometida trégua nos combates durante quatro dias, eventualmente alargada por mais algum tempo — seja respeitado pelos beligerantes, é necessário lembrar que o Hamas fez cerca 240 reféns. Assim, esta troca de reféns por prisioneiros palestinianos envolve pouco mais de 20% da totalidade dos reféns israelitas, o que continua a deixar o grosso do problema por resolver.

Na impossibilidade política de negociar os reféns obtendo a retirada total de Israel de Gaza, a tática do Hamas parece ser ir negociando a libertação quase a conta-gotas, para ir mostrando ganhos na batalha da opinião pública árabe-islâmica. Permite mostrar

como ataque a Israel trouxe a possibilidade de libertar o triplo dos palestinianos das prisões israelitas. [Yahya Sinwar](#), um dos fundadores do Hamas, que terá sido o mentor dessa tática no ataque de 7 de Outubro, é um exemplo, pela sua própria experiência de antigo prisioneiro em Israel, de como é útil fazer reféns israelitas para trocar por palestinianos.

Ao mesmo tempo, o cessar-fogo é apresentado na opinião pública pelo seu valor humanitário, mas serve também para tentar que os membros do Hamas sitiados a norte consigam evadir-se para sul de Gaza e preparar-se para futuros confrontos com o Exército israelita. Por sua vez, em Israel, o Governo de Benjamin Netanyahu enfrenta os objectivos contraditórios de actuar com a força militar bruta, e sem tréguas, para eliminar o Hamas, e, ao mesmo tempo, resgatar a totalidade dos reféns. A destruição dos túneis que servem de abrigo militar ao Hamas, mas provavelmente também para esconder os reféns, evidencia o dilema. É um assunto extraordinariamente delicado, não só para as famílias como para a sociedade israelita traumatizada com os acontecimentos de 7 de Outubro e descrente nas capacidades de o seu Governo a proteger. Ainda assim, o acordo permite também a Benjamin Netanyahu mostrar internamente que está a ter resultados na libertação dos reféns e argumentar que o cessar-fogo permite preparar as futuras operações militares.

3. Funestamente, a perspectiva continua a ser uma guerra prolongada, não obstante a negociação mediada pelo Qatar (quanto ao Hamas) e pelos EUA (quanto a Israel) produzir os primeiros resultados políticos palpáveis (e, desejavelmente, poder abrir caminho a mais negociações). Como já notado, o Governo israelita tem reiterado que a guerra não vai acabar e que o cessar-fogo é apenas uma pausa militar. Mantém, desta forma, os objectivos políticos, que são a libertação de todos os reféns e a destruição do Hamas.

Mas estes objectivos estão ainda longe de ser atingidos. No caso dos reféns, exceptuado o cenário, muito improvável, de o Exército de Israel conseguir libertar a generalidade dos restantes reféns, terão inevitavelmente de surgir mais negociações com o Hamas para obter a sua libertação, o que permitirá sempre ao movimento islamista reivindicar alguma vitória. A questão em aberto é a de perceber como o Hamas e o Governo de Israel irão futuramente gerir essa dramática situação (para os israelitas), ou seja, que possíveis concessões poderão ser feitas de parte a parte.

Em termos militares — e quanto ao objectivo de erradicar as capacidades bélicas do Hamas —, o problema também persiste de forma evidente. Apesar de todos os danos e perdas que já lhe foram infligidos pelo Exército israelita (e da enorme destruição e sofrimento humano provocada na parte norte de Gaza), nada indica que a maioria dos 15.000 a 40.000 elementos da [ala militar](#) do Hamas tenha sido eliminada. Pelo contrário, o mais plausível é o Hamas conservar, nesta altura, a grande maioria dos seus elementos e substanciais capacidade militares na parte sul de Gaza. As condições continuam a ser muito desfavoráveis a uma qualquer saída política que ponha fim à guerra, que não seja uma mera pausa para reatar a confrontação bélica mais à frente.

4. O que parece cada vez mais claro é que há dois problemas críticos que são poderosos obstáculos só para parar esta guerra Israel-Hamas, para além de uns escassos dias. Claro que resolver o conflito israelo-palestiniano na sua globalidade — e só isso poderá trazer uma solução de paz de longo prazo — implica lidar com muitos mais problemas, e ainda mais complexos, que necessitariam depois de uma solução política abrangente. Mas, no caso específico desta guerra, o primeiro problema está indubitavelmente ligado ao Hamas. Se este mantém capacidades militares de relevo em Gaza, isso é garantia de que qualquer trégua não passará de um interregno até ao próximo confronto militar — todo o padrão histórico do conflito mostra isso.

Um segundo problema está ligado a Israel e ao seu objectivo de eliminar o Hamas, se é que é exequível, até porque não há nenhuma ideologia que se possa erradicar só pela guerra. É também altamente problemático ter esse objectivo sem qualquer plano político razoável e aceitável pelos palestinianos para o futuro governo de Gaza. Ficar a ocupar o território militarmente é um regresso ao passado que não é solução para nada. Apenas vai alimentar mais ódios dos palestinianos e prolongar o sofrimento das populações civis.

Apesar de o espaço ser muito estreito, no meio destas imensas dificuldades a diplomacia tem estado a actuar. A libertação de parte dos reféns é um exemplo disso. Outro exemplo é o Irão, um interveniente regional importante com grande influência sobre o Hamas, que tem dado sinais diplomáticos de não se querer envolver directamente no conflito, nem desejar uma confrontação regional. Provavelmente, não era isso que o Hamas esperava. No seu cálculo estaria uma rebelião dos palestinianos e uma entrada do Hezbollah (um *proxy* do Irão no Líbano) na guerra. Mas isso não aconteceu, pelo menos até agora. Tenha ou não sido erro de cálculo, quer o Hamas quer Israel estão agora em confronto, fazendo uma trégua com o dedo no gatilho para continuar a guerra. Resta saber se estes pequenos passos da diplomacia internacional conseguirão, proximamente, ir além de obter limitadas libertações de reféns e de efémeras tréguas.

<https://www.publico.pt/2023/11/24/mundo/analise/tregua-dedo-gatilho-2071397>